



[ columnas ]

# galeria

[ STEFANE MALYSSE ]

*Antropólogo visual, artista multimeios e professor de Artes e Antropologia na E.A.C.H./USP Leste.*

*Doutor em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris), realizou o seu pós-doutorado, sob a forma do website Opus Corpus, no Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP. Pesquisador associado do departamento de Antropologia da Goldsmith (Londres) e colaborador do Forum Permanente (ECA/USP).*

**E-mail: [opuscorpus@terra.com.br](mailto:opuscorpus@terra.com.br)**

CHANCE  
CHANAL

[ 10 ]



fotos: Peter Paulo Vitor de Brito

# Das Artes da trans-aparência aos gêneros genéricos.

Mudar de sexo, trocar de gênero... os homens que querem se tornar mulher são um verdadeiro desafio à compreensão dos antropólogos, problemática que culmina no caso Agnês analisado por Harold Garfinkel. De fato, a questão do gênero e das suas conseqüências socioculturais é central em Antropologia e tornou-se também uma pista conceitual para alguns artistas contemporâneos. Que sejam na arte ou na vida real, os jogos de identidade, as ambigüidades e multiplicidades do Eu chegam às vezes a apagar as diferenças entre os gêneros e sempre questionam os nossos egos.

Mostrei, numa pesquisa anterior, que o corpo virtual ou ideal, o corpo apresentado em imagens nas mídias, é um corpo simulacro, medido, calculado e artificialmente retocado. Essas imagens-normas transformam as representações culturais do corpo e incentivam uma comparação que deve levar a insatisfação como incentivo à autotransformação. As mídias constituem o corpo como objeto a reconstruir nas suas formas e no seu gênero. A lógica das diferenças de gênero transforma os corpos em hipérboles do gênero, associando identidade sexual e construção corporal. A fabricação desse corpo feminino que venho descrevendo mostra que não é permitido falar de uma liberação do corpo da mulher. Simone de Beauvoir não deixaria de ver nesse paradigma de uma Vênus plástica os traços da historicização da mulher pelo homem. Traços colocados em evidência nas obras de arte aqui discutidas.

[11]



Não se nasce, se torna mulher  
*Simone de Beauvoir, O segundo sexo*

O que me interessa muito nos artistas que "se tornam mulheres" nas suas obras é a forma pela qual eles desmascaram os estereótipos do sexo social, do gênero e finalmente discutem a própria validade desses padrões de gênero. Neste conjunto de artistas da trans-aparência, escolhi de trabalhar com três homens quem, depois da reflexão de Marcel Duchamps sobre a bissexualidade incorporando a linda figura de Rose Sélavy, encaram o sexo social feminino, seus papéis

sociais e artísticos. Quero apresentar aqui o francês Michel Journiac, o japonês Yasuma Morimura e o paulista Peter Paulo Vitor de Brito. Podemos ver que, e isso de forma internacional, travestir-se é uma forma de comunicação visual, social e sexual que permite subtrair-se de um comportamento sexual ao qual a sociedade ocidental associa proibições e éticas, ambas manipuladas. Manipulando essas manipulações pela sua arte da trans-aparência, o artista trans-gênero aproveita do potencial de identificação da aparência humana para se tornar uma mensagem de gênero genérico. Em transparência, quem olha para essas figuras femininas percebe que tem algo de errado em termo de gramática do gênero, algo que satiriza o artista e sua nova musa, algo que coloca em xeque nossos estereótipos sexuais.

Na sua série *24 heures dans la vie d'une femme ordinaire* (1974), Michel Journiac se torna uma mulher francesa dos anos 1970, careta e submissa, esperando o marido, cozinhando e lavando a louça. Deste cotidiano revisitado por ele, transparece uma crítica social irônica: um homem-feminista incorpora uma mulher-submissa. Neste mesmo sentido, o artista japonês Yasumasa Morimura assume um tipo, genérico japonês, dos ícones femininos do cinema americano. Bem mais do que uma mulher comum, Yasumasa transforma-se em (depois) de Brigitte Bardot (1996), Marilyn Monroe (1996), Greta Garbo (1996) ou Audrey Hepburn (1996) e deixa cada uma delas, na cara dele. Finalmente, neste sonho compartilhado de virar capa de revista, Peter Paulo de Brito vira Darcy Dias. Uma mulher fina, feia e famosíssima, pronta a invadir todas as bancas de revista do Brasil. Espaço artístico perfeito para apontar para a absurda ditadura de feminilidade e transformar o artista numa antena do gênero pós-genérico.



[ 12 ]

#### REFERÊNCIAS NA NET:

<http://www.journiac.com/>

<http://membres.lycos.fr/morimura/>

<http://pierrehenri.castel.free.fr/chronobiblioTS2.htm>

<http://incubadora.fapesp.br/sites/opuscorpus/>